

Redactor Principal,
João da Silva

Editor e Administrador,
João F. Macedo

O BALUARTE

SEMANÁRIO DEFENSOR DO OPERARIADO

«A justiça não é calar a miséria, é não a fazer».
Dr. Manuel Laranjeira.

Administração e Redacção (provisórias)
Sede dos Sindicatos Operários.
Rua Gravador Molarinho, 5.

Propriedade da Empresa
«O BALUARTE»

Composição e impressão: Tip. Liberdade
L. do G. Torres e Almeida, 11, 1.º
— Braga —
Preço avulso, 5 cent. (50 rs.)

PARA A FRENTE

Há tempo a esta parte que cada vez mais se nota o intenso mal estar neste regime capitalista, proveniente de-certo da maneira como é feita a administração, e da política mesquinha que avassala o país.

Em menos de oito dias tivemos quatro governos, não chegando alguns a tomar posse. Em nome dos *altos* interesses da nação tem todos caído no teatro de S. Bento, mercê da politiquice dos beneméritos salvadores da pátria. É o «sai tu para ir eu».

Entretanto o povo tem fome e não come da política. Está-se perdendo um tempo precioso com coisas mínimas em vez de se baratear a vida.

E' que quem tem a barriga cheia e ganha quanto quer, não se importa que os outros não tenham que comer! E é exactamente por isso que muitas vezes o povo desperta, não consentindo que o roubem e espoliem.

O operariado tem de abrir os olhos e fazer valer os seus direitos, atirando para bem longe toda a sorte de parasitas! Está provado que não há diferença entre monarquias e democracias, pois numas e noutras vivemos escravizados. A actual sociedade não pode resistir por muito tempo à Revolução Social que se aproxima, porque só assim deixaremos de ser roubados e martirizados.

Quem quizer comer que trabalhe porque na nova Sociedade não há ociosos.

Para a frente é que caminhamos. Todas as perseguições e represálias exercidas contra nós, longe de nos fazerem desistir, mais e mais nos arreigam a esperança de vermos convertido em realidade o nosso sonho, dando-nos coragem para lutar até à vitória.

Os governantes pouco ou nada tem feito que beneficie o proletariado e se ele sai para a rua em demanda de mais um bocado de pão para si e para os seus, mandam-no fuzilar, enquanto os verdadeiros culpados de tudo isto, gozam de todas as considerações e são respeitados como gatunos que são por outros tão gatunos como eles.

Se os governos não embaratecerem o custo da vida assistirão a muitos casos de que só eles são os responsáveis. Em país algum ele atingiu proporções tão assustadoras como as que se estão verificando entre nós, porque não deixam medrar o açambarcador. E aqui, enquanto não fizerem o mesmo, dando ao povo o suficiente para não morrer de fome, punindo severamente todos os novos-ricos que vivem á custa do nosso esforço e do nosso trabalho, teremos uma vida de miséria, de verdadeira miséria social até ao dia que nos emancipemos da tutela vergonhosa do capitalismo e da burguesia.

As classes humildes e a burla do sufrágio eleitoral

Por mais que se faça ver às classes produtoras, o que é a burla do sufrágio eleitoral, e quanto essa tranqüibérnia política lhes é prejudicial, elas não se compenetraram de tal e mal o cacique da sua freguesia, concelho, ou bairro lhes aponta o dia do sufrágio, aí os tem obedientes, submissos, às suas ordens e de cócoras, aguardando o momento de se manifestarem.

E mal chega esse dia, é ver o nosso operário com uma certa animação, com um certo orgulho todo envaidecido, mais talvez que se fôsse para tratar duma coisa útil para ele e para a sua classe. Não sabemos qual a alegria que os proletários possam sentir por irem eleger um homem, que muitas das vezes não conhecem, nem tão pouco, os beneficia, no parlamento, como nós todos já estamos fartos de observar.

O sufrágio eleitoral não é mais nem menos que uma ludibriação feita à classe faminta, à escravizada, para lhe fazer crer que o povo é quem manda, quem tem o direito de eleger os homens que o hão de governar, e por isso que as leis e os governos lhes hão de ser favoráveis (forte burla o povo agüenta) como antes do acto eleitoral costumam prometer os galopins.

Nada podem esperar as classes trabalhadoras desse parlamento, porque os deputados que eles elegem e os quais dizem ser seus verdadeiros representantes, logo que se apanham elevados a essas culminâncias, desprezam-nas para irem enfileirar ao lado dos capitalistas a quem eles verdadeiramente vão servir e de quem descendem.

Os operários, depois de passado o acto eleitoral é qua sentem as agruras da sua inconsciência, do seu necimismo, porque não há exemplo de nos parlamentos, se terem feito até hoje leis, que atendam as circunstâncias e as necessidades que exigem as classes aladas, porque os deputados, quando alguém lhes aborda tal assunto fazem por substituir essa conversa, esse estudo por um outro que lhe apraza.

As classes submissas precisam de viver livres, sem governos, nem parlamentos, porque elles não representam nem mais nem menos que uma burla, como lhe chamou o doutor Teófilo Braga, presidente do governo provisório desta república. Ora quando um presidente duma república como foi Teófilo Braga, reconhece que o parlamento, é uma burla para enganar a boa engenuidade do povo e que lhe havemos de chamar, nós operários, que estamos fartos de sofrer as agruras dessa nociva obra, dessa tão decantada e bem estudada burla? Qual o fim que nos espera quando elegemos qualquer politiquero para deputado, se não a burla?

Quais os benefícios que a canalha parlamentarista até hoje nos tem dado se não a mentira? Como esperar benefícios de quem é filho da corrupção e do crime?

Perante todas estas infâmias qual o caminho que o operário tem a seguir? É reprovar todas, as vezes que dêle se abeirem a falar-lhe em tal coisa, o parlamento e a sua nefasta obra pois só assim viverá feliz. E por isso operário, não votes, não concorras ao sufrágio eleitoral. Educa-te e medita no que é o parlamento, por que se meditates bem no que êle é, logo verás que êle para nada te serve, a não ser que o perfilhes, que o defendas, para seres vítima e mais os teus da miséria que êle lavra, e a qual se estende desde a fome ao vilipêndio.

João Pereira do Rio

Definições sociais

Revolução social

Revolução Social é a força e o direito das classes submissas.

Revolução Social é aquele gesto sublime que faz tremer os deus

ses do ouro; os senhores da terra.

Revolução Social é aquela que transforma a sociedade imperfeita e que acaba com o seu infortúnio.

Revolução Social é, finalmente, aquela que rompe os diques dos privilégios fronteiriços, que desarma os exércitos, que acaba com os governantes e com os governados; com patrões e com criados; com as agruras da humanidade, fazendo nascer dos escombros dessas seitas malditas, uma Sociedade Nova, cheia de amor e abnegação.

Viva a Revolução Social!...

Olimpio Moreno

Ferrovários Portugueses!

Hurrah! pelo vosso movimento. Daqui, dêste cantinho de Portugal, vos saudamos pela vossa firmeza de carácter e pela vossa coragem e intransigência inabaláveis.

O vosso acto é digno de louvor, porque, arrostando todos os perigos e sujeitando-vos a todas as vicissitudes estais dispostos a lutar até à consecução das vossas reivindicações.

Não desanimeis, valorosos camaradas, e mostrai bem patente que o patrão-Estado é o maior dos exploradores, fazendo promessas falsas para vos subjugar.

A vossa greve, longe de nos retraír, dá-nos coragem e incita-nos a também lutar-mos denodadamente pelas nossas causas, como vós o fazeis pela vossa.

Com raras defecções vós tendes arrostado todas as inclemências de quantos desgovernos teem passado pelo poder, mas não desanimeis.

Avante, valentes camaradas!

A vossa causa é a nossa, é a de todos os operários, é a de todos os oprimidos.

E assim, a U. S. O. desta cidade, por intermédio dêste "BALUARTE" inexpugnável, que é o seu porta-voz, felicita-vos, incitando-vos a prosseguirdes até completo triunfo, levantando um

Viva a Solidariedade Operária!
Vivam os Ferrovários do Estado!

Horas anárquicas

© Orfão

A minha tia Maria da Torre.

A uma esquina encostado,
Um órfão pedia pão,
A todos 'stendia a mão,
Mas não era contemplado.

E num lamento profundo,
Que cortava o coração,
D'screvia com comoção,
Seu triste viver no Mundo.

O pai tinha-lhe morrido,
Nos horrores da grande guerra,
E a mãe ao saber na terra,
Também tinha succumbido.

Andava o pobre perdido,
Por êsse mundo, atê
Sem ter pai, mãe, ou alguém
Por quem fôsse socorrido.

Comovia, dava dó,
Aquele pobre criança,
Poís via toda a esperança
Reduzir-se a negro pó.

Tinha como cama o chão,
Como roupa, o triste luar,
Nem por o verem penar,
Dêle tinham compaixão.

Lastimava o pobre coitado,
Os horrores da sua sorte,
Chamando p'ra si a morte,
A ver se lhe acabava o fado.

Mas eis quando, uma manhã,
O policia, o vilão,
Viu-o deitado no chão,
Mas estava morto já.

Olimpio Moreno

Oficina de Carpintaria
MADEIRAS E PREGAGENS
Encarrega-se da construção
e reconstrução de obras da construção civil,
referentes a carpintaria

Alfredo da Costa e Silva Guimarães
Rua de S. Torcato, 10 — Guimarães

A ideia de Deus destruiu a felicidade dos homens. Ser religioso é ser inimigo de si próprio.

Francisco Ferrer y Guardia

PSICOLOGIA SOCIAL

Crimes Bárbaros

Mais um dia de agitação, de revolta. ¿Que lhe havemos de fazer?!... O nosso espírito é filho destas coisas, tem isto como *menú* diário. Até temos pena de sermos assim. ¡Que infortúnio o nosso!...

Temos dias em que nos sentimos eivados duma alegria indescritível, outros duma tristeza profunda. Por mais que procuremos remédio para estes males, não o encontramos. Olhamos em volta de nós para nos distrairmos e o que vemos? Tudo miséria, tudo podridão.

Aqui é miséria, porque é um operário, que depois dalguns anos de trabalho consecutivo, viu-se na dura necessidade de mendigar uma esmola, pelo motivo de estar impossibilitado de ganhar o pão para si e para os seus, devido à doença que o amordaça continuamente; acolá é podridão porque é uma rapariga no vigor da mocidade, que se prostitui pelo simples facto de querer viver na ociosidade, cheia de sedas, sem que elas lhe custem o esforço dos seus braços, sem que queira escarnar as delicadas mãozitas assetinadas, no trabalho honesto e honroso.

Que infortúnio! ¿Quem se não há de entristecer, quem se não há de alegrar?

Entristecer por ver miséria; alegrar ao pensar que a sociedade futura há de viver livre deste captivo. É esta última ideia que nos dá alento para podermos resistir a todos os males que constantemente se nos acercam. Também é o que nos vale, para podermos viver, menos mal, nestes poucos dias que nos restarão de vida. Mas ainda mesmo assim, apesar de termos a alegrar-nos a esperança dum futuro sorridente, não deixamos de nos revoltar, de sentirmos o nosso coração agitado, de momento a momento.

¿Como havemos nós de acalmar o nosso coração, o nosso espírito? ¿Deixar correr tudo ao desdém, não pensarmos em coisa alguma? Não, porque não pode ser. E não pode ser, porque de todas as vezes que assim tentamos fazer, parece que mais a revolta se apodera de nós. Que coisa horrível!...

¿Como combatemos este mal que constantemente nos apunhala a existência, nos açoita o espírito? Por meio da bomba ou da ba-

la? Não, porque era cada vez mais consumir o crime, quando é certo que nós pretendemos exterminá-lo duma vez para sempre, para acabar toda a miséria.

¿Mas quando acabará esse crime, para que desapareça a miséria? E, é no meio dum suplício destes, destes inúmeros pensamentos que amofinam, que ralam, que passamos a nossa vida de noviços; que nós vivemos, tendo como desafogo deste pesadelo, a pena e o papel, nossos únicos companheiros em todos os transe da vida e aos quais exprimimos, a todos os instantes e horas a mortificação que nos devora, a agitação, a revolta de que constantemente somos atacados.

Forte barbaridade!... Forte suplício!

OLIMPIO MORENO

Civilização

O que eu vi na 2.^a capital do país

I

ESMOLA QUE MATA O POBRE

Era já tarde. O sol principiava a esconder os seus raios, nas límpidas águas do Oceano.

De repente ouvi o estralejar da grossa fechadura da prisão; mais um hóspede, disse eu. Olhei, e fiquei espantado.

Um velho, podia ter perto de oitenta anos, a sua barba branca podia ter vinte centímetros de comprimento. Olharmos para ele era o bastante para lhe dedicarmos todo o respeito e veneração. Vestia pobremente remendado; sim, mas limpo.

Uma voz do lado: olha o Senhor Portugal. O velho começa a chorar; cheguei-me ao pé dele e disse-lhe palavras de conforto.

—Nunca fui prês, disse ele.

—Tenha paciência.

—Porque o prenderam? perguntei eu, pedindo-lhe desculpa da minha pergunta.

—Malandros, cobardes.

E continuou a soluçar.

Não chore porque o chorar não lhe faz bem, devido à sua idade.

—O Sr. aqui será respeitado, apesar de sermos todos terríveis inimigos desta Sociedade ou, como lhe queiram chamar, dessa cáfila de parasitas que vive à custa do nosso esforço.

—Os srs. que são? perguntou o velho.

—Olhe nós somos... estamos aqui por... bolchevistas e fomos prêsos por estar a trabalhar; aqueles, são grevistas ferro-viários e presos por não quererem trabalhar. No fim de contas, todos operários.

—Ainda bem, disse o velho, que me mandaram para aqui! Olhem, eu fui prês por... E continua a chorar.

Descansou um pouco e fumou um cigarro.

Um pouco mais calmo, continuou: —Eu estava na rua de D. Pedro, passou o dr. Ar. meu conhecido porque era um dos frequentadores da casa onde eu era empregado, tirei o chapéu e ele passou; olhei para traz, e vi que ele puxava pela carteira, chamando-me para me dar uma nota de dez centavos.

Agradeceu-lhe e quando me preparava para a guardar ouvi uma voz cavernosa:

—«Acompanhe-me». Olhei para o lado e vi que era comigo. «Acompanhe-me já lho disse; e nada de tretas.

—Mas... eu não fiz mal a ninguém sr. guarda.

—«Não sabes que é proibido mendigar?»

Mas eu não mendiguei. E agarrando-me pela gola do casaco trouxe-me para aqui aos empurrões.

Bela civilização responderam todos. Prês por receber uma esmola, prês por mendigar, prês por roubar (pouco!), prês por estar a trabalhar e prês por não querer trabalhar!... A sociedade civilizada, oh corja de bemefeitores; oh amigos da sociedade, que não olhais para isto, e sois vós os protectores da ordem, pois sois vós que originais toda esta engrenagem defeituosa, pôdre, e prestes a ficar em ruínas.

E dizem ser um país civilizado! Com um albergue para os desprotegidos ao sereno das noites frias do inverno, um asilo para os mendigos no largo de Santa Clara chamado aljube, e mais, muito mais, que o espaço não me permite dizer, mas quando «O Baluarte» tiver mais vida então direi, direi tudo.

Porto 28-11-920.

João D. Macedo.

Quando a inocência dos cidadãos não está garantida, a liberdade ainda o está menos.

Montesquieu.

MOVIMENTO OPERÁRIO

Como é do conhecimento de todos os amigos e leitores de "O Baluarte" já de há longo tempo a U. S. O. vem reclamando das Autoridades que seja feito um arrolamento a todos os ceriais existentes no concelho, assim como o tabelamento dos mesmos.

Afinal, nem as Autoridades, nem a Câmara a quem recorremos algumas vezes, o fizeram.

Porque, são estes senhores a capa dos próprios, quando não fazem eles mesmo parte, assim como se poderá provar.

Emfim a U. S. O., não se tem poupado a trabalhos, nem sacrificios, para evitar a alteração da ordem, por parte dos famintos.

Afinal, não pôde evitar.

¿Por culpa de quem?

Não de nós operários: a nós nenhuma responsabilidade nos podem atribuir, visto que tratamos de todos os meios, para que tal se não desse.

Mas deu-se o que todos viram; assaltos, correrias, emfim: tudo, causado pela fome, pela miséria, que os açambarcadores teem provocado, e continuarão na mesma ganância se o Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito não puzer cõbro ou não castigar severamente estes terríveis assassinos do povo.

A U. S. O., convidou o operariado de Guimarães a uma paralisação geral, na penúltima sexta-feira ao meio dia, para assim, em comício público, que tinha logar no Campo da feira, ás 14 horas, levantar o seu mais altivo protesto.

Antes da hora anunciada para o Comício, foi intimado a comparecer na Administração do Concelho o Secretário Geral da União de Sindicatos.

¿Para quê?

Para o senhor Administrador A. L. de Carvalho, depois de dizer umas palavras muito lindas como todos conhecem, aqueles que teem a honra de conhecer, de mistura com meia duzia de *todavias* declarar que estava proibido o Comício.

Afinal à hora indicada para a realização do comício, já se encontravam no local indicado muitos operários, assim como alguns espectadores.

Uma hora depois, estavam ali reunidas talvez umas 10:000 pessoas, que com todo o entusiasmo

protestavam contra os açambarcadores.

Foi aberto o comício, sendo apenas dito ao povo, que estava o comício proibido pelas Autoridades, convidando-se todos os presentes a dirigirem-se á U. S. O.

Foi então proclamada a greve geral.

No sábado continuou a paralisação geral. Seguiu uma comissão a Braga, para pedir a S. Ex.^a o senhor Governador Civil a intervenção no conflito, e ao mesmo tempo que fôsse estipulado o preço do milho a 4\$00 o alqueire, assim como também que não fossem feitas prisões por causa dos assaltos, visto que os que isso praticaram foi a fome que a tal os obrigou.

Depois de solucionado o conflito, continua a U. S. O. com as suas *démarches*, para a realização das suas reclamações.

Afinal, temos feito diversas indicações de regatões ao Sr. Administrador do Concelho, mas êle dá-lhes tempo de fazerem desaparecer o cereal, e depois é que manda passar busca quando já na lá encontram.

No próximo número, mais alguma coisa diremos sobre o assunto, visto que o momento é grave, e não o podemos esquecer.

Tipografia "LIBERDADE"

Esta officina, propriedade do «Noticias do Norte», executa com perfeição quaisquer trabalhos do seu género, como: jornais, facturas impressos para Repartições Públicas, bilhetes de visita e diversos trabalhos a côres, etc.

A todos pedimos que a preferam pela modicidade nos preços e por ser a única tipografia republicana em Braga.

Declaração

Declara João Carvalho, agricultor da Quinta de Verdelho, que nunca foi regatão de milho ou outro qualquer cereal, como alguém o acusa.

Caso alguém isso prove com verdade, estará ao dispor do povo, para que lhe seja feita justiça.

A CARESTIA DO PÃO

Continua a U. S. O., com as suas démarches afim da carestia do pão.

No dia 2 do corrente, foram a Braga três representantes das classes operárias desta cidade, como fôsse um representante da Construção Civil, o Presidente dos Agricultores, e o Presidente dos Cutileiros.

Todos estes camaradas fôram a convite de S. Ex.^a o snr. governador civil, assim como na companhia dos nossos camaradas daqui fôram também dous camaradas de Fafe.

Que bela reunião!

Quanto nos não é simpatico a nós operarios de Guimarães, encontrarmos-nos á frênte do Snr. Governador Civil, estando ali mais alguns camaradas de Braga, um de Famalicão, etc. . .

Ali se encontravam também alguns proprietarios, Administradores dos concelhos do Distrito, e ou tras entidades, assim como Presidentes das Associações Comerciais.

Emfim, não me é possível descrever o que se passou.

A Burguesia, com as suas garras aduncas, para explorar o povo, até desrespeitou o local onde se encontravam reunidas aquelas entidades como fôsse o gabinete do Snr. Governador Civil.

A falta de espaço nos inibe de fazer mais largas considerações, o que faremos no proximo número.

J. S.

EXPEDIENTE

Aos nossos leitores e assinantes pedimos nos desculpem terem recebido o último numero com bastante atraso, o que foi devido ao movimento operário esboçado nesta cidade.

Também por ter passado a compôr-se e imprimir-se noutra tipografia não pudemos publicar "O Baluarte" no pretérito domingo.

Já está em cobrança o primeiro trimestre da assinatura do nosso semanário. Rogamos aos nossos camaradas que satisfaçam os seus debitos logo que lhes apresentem os recibos.